

PARECER DO  
ARTIGO

# ANÁLISE CRÍTICA DO PENSAMENTO JORNALÍSTICO DE JOSÉ MARQUES DE MELO



JACQUES MICK

*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

## **Nota do Editor:**

A/o parecerista autorizou a publicação do parecer e a divulgação do seu nome, apoiando, dessa forma, a política de Ciência Aberta promovida pela Brazilian Journalism Research.

O parecer foi feito com base na primeira versão do manuscrito enviado pelos/as autores/as. Suas críticas e sugestões foram levadas em consideração na versão final do artigo e colaboraram para a melhoria da qualidade das pesquisas publicadas pela BJR.

## Parecer da 1ª Rodada

O objetivo de propor um balanço do modo como Marques de Melo (doravante MM) pensava o jornalismo, dois anos após sua morte, é por certo relevante. O artigo tem ótimos insights e o argumento geral é bastante convincente. Mas o texto tem uma série de inconsistências que demandam retrabalho. O balanço definitivo sobre a “teoria” de MM para o jornalismo, portanto, ainda não está pronto.

O ponto-chave é que falta um método ao texto. Sem isso, corre-se o risco de realizar a antihagiografia: se até o momento prevalece no campo acadêmico a abordagem acrítica do legado de MM, o artigo, sem lastrar-se em qualquer método de análise, resvala no que se assemelha à crítica pela crítica. (É boa a crítica, mas o modo como ela é desenvolvida é muito frágil).

A ausência de método se reflete em vários outros problemas. O mais evidente deles é a recorrência errática à biografia de MM: não há uma reconstituição aceitável da trajetória que o levou à posição social ocupada apenas por ele no campo da comunicação no Brasil, tampouco a recuperação sistemática dos momentos de formação de sua perspectiva intelectual nos quais as influências cristãs, liberais e desenvolvimentistas se consolidaram.

Assim, as referências à biografia de MM soam arbitrárias, motivadas não por uma perspectiva teórico-metodológica, mas pela necessidade de documentar certos aspectos do texto. Isso torna o artigo muito vulnerável, por duas razões: elude as contribuições extra-teóricas de MM aos estudos de jornalismo (o artigo faz de seu legado tabula rasa, de modo algo infantil); não sustenta de modo convincente a constituição, em MM, da perspectiva liberal-desenvolvimentista de perspectiva cristã.

Para que soe convincente esse último argumento (o do liberal-desenvolvimentismo-cristão), aliás, não basta uma reconstituição biográfica aceitável: a conclusão traz autores e momentos históricos não citados anteriormente e fundamentais para que tal perspectiva seja descrita com a profundidade

necessária. Como essa corrente ou linhagem de pensamento se constituiu no tempo? Quais os seus interlocutores mais expressivos? Qual sua agenda? Ao surgir e se consolidar, ela estabelece alguma conexão com o jornalismo?

Tais perguntas me parecem relevantes porque a doutrina de MM para o jornalismo pode não ter conexão alguma com o liberal-desenvolvimentismo-cristão: pode ser apenas ideologia profissional (descrita e criticada tanto por autores estrangeiros, como Mark Deuze, como por brasileiros, a exemplo de Genro Filho, citado no artigo). Claro: a hipótese de que a “doutrina” de MM não é doutrina, é apenas ideologia profissional retoricamente envernizada por um acadêmico em posição ultradominante no campo científico que ajudou a criar é diferente da perspectiva defendida pelo artigo – e é justo por isso que sugiro, a quem o escreveu, que dê uns passos atrás e sustente com mais rigor seu ponto de vista. Sem isso, o risco é que o artigo soe ressentido (porque escrito por alguém em posição hierárquica necessariamente inferior à de MM no campo) ou “menor” (no sentido de não ser tão rigoroso com seu próprio texto, quanto com os textos dos outros). Por concordar com a linha geral do argumento do artigo, em especial com suas observações agudas em relação à recepção hagiográfica de MM, reitero a sugestão de reescrever e aperfeiçoar os argumentos, articulando-os no entorno de um dos muitos métodos adotados para explorar a história das ideias.

### **Parecer da 2ª Rodada**

O artigo está, a meu juízo, aprovado. O texto foi consideravelmente revisto e, embora a perspectiva teórico-metodológica (agora explicitada) não considere como um elemento relevante à análise a posição singular que JMM ocupou na constituição do campo, essa ausência reflete um limite inerente à perspectiva adotada. Ou seja: o texto é coerente até quando, a meu ver, erra.

O artigo ficou muito mais robusto e é, agora, uma relevante contribuição para o debate sobre o legado de JMM, debate que (acredito) terá continuidade a partir da publicação do artigo.